

Família Carmelita



Dezembro 2021

Ano **XXVII** n.º 89

Publicação Quadrimestral
2,00€ IVA INCLuíDO



Sinodo
2021
2023

Por uma Igreja sinodal
em diálogo | participação | missão

Sumário

Nota de Abertura	3
O evangelista da misericórdia	5
A Família Carmelita em Retiro e em Convívio	7
Diz amo-te, sem medo nem vergonha	10
Caminhar juntos, lado a lado, na mesma direção	11
Escutismo, uma escola de vida	14
Aquela Voz Salvou-me	16
Fátima, Escola de santidade – I	18
Mais do que um projeto de vida... um projeto de amor!	22
A Proteção da Criação: Mensagem assinada em conjunto pelo Papa Francisco, o Patriarca Ecuménico Bartolomeu e o Arcebispo de Cantuária Justin Welby	26
Com pressa, mas não apressadamente! Rumo às Jornadas Mundiais da Juventude	30
Hino da JMJ Lisboa 2023 “Há Pressa no Ar”	31
Ensina-me, São José	32

Nota de abertura

«Quando eu estiver contigo no fim do dia, poderás ver as minhas cicatrizes e então sabrás que eu me feri e também me curei».

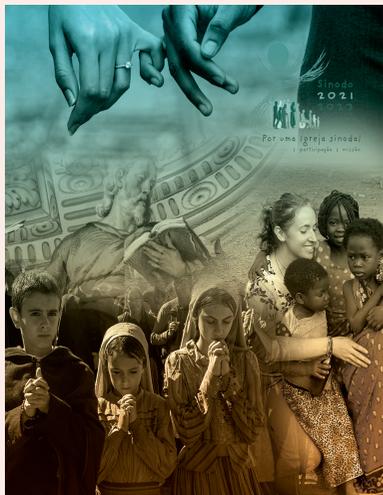
Rabindranath Tagore

Às vezes dou comigo a olhar para as minhas mãos. Mãos que são um pedaço do que sou e da vida que já vivi. Nelas estão as marcas de muitos anos de experiências boas e de experiências menos boas. Quando olho com mais atenção para a minha mão esquerda, vejo a quantidade de cicatrizes que tem. Contando, são cerca de dez, feitas na minha infância, adolescência e juventude. Olhando para elas, lembro-me de cada uma, quando as fiz, o quanto doeram, as lágrimas que me fizeram chorar e também o ensinamento que objetos cortantes são perigosos, quando os usamos sem cuidado. Olho para elas e vejo nelas uma aprendizagem. Mas elas fazem parte do meu passado, do meu crescimento, já não me causam dor, mas as marcas ficarão para sempre comigo.

Todas as pessoas possuem cicatrizes. Em todos os lugares, até em lugares inesperados. Como mapas secretos das suas histórias pessoais. Diagramas das suas velhas feridas. A maioria das nossas feridas podem sarar, deixando apenas uma cicatriz. Mas algumas não curam. Algumas feridas podemos carregá-las connosco para todos os lugares e, embora o corte já não esteja aberto há muito, a dor ainda permanece.

O que é pior: novas feridas que são horrivelmente dolorosas ou velhas feridas que deveriam ter sarado há muito tempo, mas nunca o fizeram? Talvez as velhas feridas nos ensinem alguma coisa. Elas lembram-nos onde estivemos e o que superámos. Dão-nos lições sobre o que evitar no futuro. É como gostamos de pensar. Mas nem sempre é o que acontece. Muitas vezes, algumas coisas nós temos que aprender de novo e de novo e de novo.

Não importa se somos fortes ou achamos que somos fortes, porque os traumas sempre deixam uma cicatriz. Seguem-nos até às nossas casas, mudam as nossas vidas. Os traumas derrubam-nos a todos, mas talvez seja algo que tenha de acontecer. Toda a dor, todo o medo, todas as dúvidas, todas



Família Carmelita



Propriedade:

Ordem do Carmo em Portugal
Seminário Missionário Carmelita
Sameiro - Espinho · 4715-390 BRAGA

NIF: 500 892 768

IBAN: PT50.0033.0000.5012.0926746.05

SWIFT/BIC: BCOMPTPL

Director:

Pedro José Martins Monteiro, O. Carm.

Editor:

Manuel Ribeiro de Freitas, O. Carm.

Administrador:

Fernando Manuel Afonso Araújo, O. Carm.

Redacção e Administração:

Centro de Estudos da Ordem do Carmo
Rua de Santa Isabel, 128-130
e-mail: familiacarmelita.revista@gmail.com
Tel.: 213 875 179 · 1250-208 LISBOA

Registo na ERC:

Isento de Registo na ERC ao abrigo
do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6
Artigo 12º nº 1 A

Depósito Legal:

296911/09

Periodicidade:

Quadrimestral

Tiragem:

2000 exemplares

Impresso:

Empresa do Diário do Minho, Lda.

as coisas idiotas que fazemos e vivemos, talvez viver essas coisas é o que nos faz seguir adiante, é o que nos impulsiona. Às vezes, talvez precisemos cair para nos levantarmos novamente e recomeçar o caminho.

As cicatrizes podem-nos mostrar as marcas de amargas derrotas ou representar vitórias memoráveis, mas em qualquer das situações, as mais marcantes são as da alma, do coração, dos sentimentos. Essas marcas indelévels, normalmente, não são visíveis aos olhos das pessoas que nos cercam, mas têm influência decisiva na nossa existência, seja de forma negativa ou positiva.

Jesus também teve as suas cicatrizes. Cicatrizes que revelam o Seu Amor por cada um de nós. Também Lhe causaram dor e sofrimento, mas sararam e ficaram como sinais de um amor sem limites. Maria também teve as suas cicatrizes. Como Lhe disse o velho Simão: «uma espada trespassará a tua alma», mas após a ressurreição do seu Filho, todas as feridas abertas pela paixão e morte de Jesus sararam e ficaram apenas as marcas de um passado doloroso. E de tal modo ficaram apenas as marcas, que Maria animava e dava força aos Apóstolos de Jesus, eles bem marcados com feridas profundas a precisar que cicatrizassem. As feridas da traição, da negação, da dispersão e da morte de Jesus. Não foi fácil para os Apóstolos ultrapassarem essas feridas e Jesus teve que fazer com eles uma espécie de “psicoterapia” para que superassem essas feridas bem abertas de dor, de vergonha e de sofrimento e pudessem avançar na vida e no testemunho da Alegria do Evangelho.

Jesus curou muitas feridas daqueles com quem se cruzou nos caminhos da vida: feridas da rejeição, da discriminação, da intolerância, do abandono, da solidão. Zaqueu, a mulher adúltera, Mateus, os leprosos, a Samaritana, Marta e Maria e todos aqueles que precisavam de descansar no Seu coração manso e humilde.

Com o passar do tempo, da idade, muitas feridas vão cicatrizando, mas para que isso aconteça, temos que deixar que elas deixem de ser feridas abertas e sejam apenas marcas de algo que tivemos que viver e ultrapassar e foram uma escola de aprendizagem para

cada um de nós. Não somos mais felizes nem vivemos a vida em toda a sua plenitude, se deixarmos as feridas abertas eternamente, vivendo a vida cheios de pena de nós mesmos. Deixemos o tempo, a experiência de vida e Jesus fechar essas feridas, que teimosamente queremos manter abertas e as cicatrizes serão uma recordação do passado, para vivermos o presente mais alegre e construirmos o futuro de maneira diferente. Partilho uma reflexão do grande músico, compositor e contador de histórias que é o Bruce Springsteen, como uma ajuda para transformarmos as nossas feridas em meras cicatrizes, que fazem parte da nossa história, mas que deixaram de causar dor e sofrimento e darmos valor à vida que temos e àqueles com quem a partilhamos:

«A idade dá perspectiva à claridade que temos à meia-noite, nos carris, a olhar para as luzes de um comboio que se aproxima. Apercebemo-nos rapidamente, de que só nos resta um certo tempo. Teremos mais umas quantas noites estreladas, nevões... tardes frescas de outono, dias chuvosos a meio do verão. Por isso, a maneira como agimos, e fazemos o nosso trabalho é importante. Como tratamos os amigos, a família, o nosso amor. Nos dias bons, sentimos uma bênção cair sobre nós. Envolve-nos nos seus braços, e sentimo-nos livres e profundamente pertencentes a este mundo. É essa a nossa recompensa: estar aqui. É o que nos faz levantar na manhã seguinte...uma nova oportunidade de receber essa bênção. Enquanto pomos manteiga na torrada, nos vestimos ou voltamos do trabalho, deparamo-nos com esses momentos, em que sentimos a mão de Deus suavemente pousada no nosso ombro. E percebemos a sorte que temos. Sorte por estarmos vivos. Sorte por respirarmos neste mundo de beleza, horror e esperança. Porque é isto que existe: uma esperança. Um mundo onde é uma sorte amar e é uma sorte ser amado. Por isso avancem, até esse amor vos encher. Até o suor, sangue e lágrimas fazerem sentido. Avancem até a luz das estrelas distantes que se esbatem, cair aos vossos pés. Avancem e que Deus vos abençoe.»

Frei Pedro Monteiro, O. Carm.



O evangelista da misericórdia

Assinala-se todos os anos, a 18 de outubro, a memória litúrgica de S. Lucas, o autor do Terceiro Evangelho, evangelista da misericórdia de Deus e da “mansidão de Cristo” (Dante Alighieri, *Divina Comédia*), mestre da arte narrativa...

Não sabemos muito a seu respeito, para além daquilo que nos dizem o seu evangelho, os Atos dos Apóstolos (também obra sua) e Paulo que, em Cl 4, 14, lhe chama “caríssimo médico”. Vem daí a ideia de que Lucas seria médico, a que a tradição acrescenta ter sido também pintor. Chega mesmo a afirmar que é obra sua uma pintura de Nossa Senhora que se encontra na Basílica de Santa Maria Maior, em Roma. Com a consciência de que se trata de um romance, a leitura de Taylor Caldwell, *Médico de homens e de almas* (Lisboa: A esfera dos livros, 2009) ajuda a conhecer melhor esta figura de relevo das origens do cristianismo.

Do ponto de vista literário, impõe-se destacar a qualidade gramatical e estilísti-

ca dos textos lucanos, tal como o realismo e a beleza das suas narrativas. Não será aí que se apoia a tradição do Lucas pintor? Estou em crer que sim.

Do ponto de vista histórico, são de registar as múltiplas informações acerca do cristianismo primitivo que nos oferece, sobretudo no livro dos Atos dos Apóstolos. Não é por acaso que, numa obra assim intitulada, Daniel Marguerat lhe chama “a primeira história do cristianismo”.

Do ponto de vista teológico, são muitos os aspetos que fazem do evangelho de Lucas uma obra rica, ímpar e inigualável, dotada de um fascínio tão atual quanto intemporal. Limitámo-nos a destacar alguns.

Lucas é o evangelista da infância de Jesus e aquele que mais nos fala de Maria (Lc 1 – 2). Nenhum outro dá tantas informações acerca do nascimento e crescimento de Jesus e da importância de Maria neste processo. De igual modo, é o evangelista das grandes narrativas

pascais, onde pontifica o texto de Emaús (24, 13-35), obra prima da literatura de todos os tempos.

É Lucas quem mais valoriza os excluídos da sociedade e da salvação: os pobres (14, 15-24; 16, 19-31; 21, 1-4), as mulheres (7, 36-50; 10, 38-42), os publicanos (5, 27-32; 18, 9-14; 19, 1-10) e os samaritanos (10, 29-37; 17, 11-19). As figuras de segundo plano e os excluídos aparecem de tal forma reabilitados que Lucas bem merece o título de evangelista da universalidade salvífica.

Lucas é também, e sobretudo, o evangelista da misericórdia de Deus, como o demonstram as três parábolas do capítulo 15: a ovelha perdida, a dracma perdida e os dois filhos perdidos ou, como é vulgamente conhecida, “parábola do filho pródigo”. A esta referência, podemos acrescentar muitos outros textos onde o perdão de Deus é oferecido aos pecadores. Veja-se, a propósito, o livro de F. Ramis Darder, *Lucas*,

evangelista da ternura de Deus (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2004).

Por último, Lucas é o evangelista da oração, como o ilustram o Cântico de Maria (*Magnificat*), o de Zacarias (*Benedictus*) e o de Simeão (*Nunc dimittis*); o texto em que Jesus ensina a rezar (11, 1-4) ou ainda os textos em que ilustra a necessidade e a importância da oração (11, 5-8; 18, 1-14). Ajuda ao aprofundamento do assunto o livro de A. Cardoso, *A vida faz-se oração. A oração nos escritos de S. Lucas* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1992).

Não tendo sido apóstolo, é uma das figuras maiores do cristianismo das origens e de todos os tempos. Merece, por isso, que lhe façamos referência com a mesma intensidade e ardor com que ele nos ajuda a conhecer, amar e seguir Jesus Cristo, a quem ofereceu o melhor de si e dedicou todo o seu talento literário.

P. João Alberto Correia
Professor na Faculdade de Teologia – Braga





A Família Carmelita em Retiro e em Convívio

Com o atraso que a pandemia Covid-19 impôs, o Retiro e o Encontro que a Família Carmelita habitualmente organiza decorreu nos dias 8, 9 e 10 de outubro de 2021, o que significa um atraso significativo para as datas inicialmente previstas e habituais que apontavam para o início de março.

Este ano, por decisão do Secretariado, em vez de espaçar no tempo esses dois eventos, com um desfasamento temporal de cerca de um mês como habitualmente, optou-se pelo modelo de “dois em um”, embora com programação bem delimitada, com vista a uma maior participação e redução de despesas para os participantes, evitando assim duas deslocações a Fátima.

O Retiro iniciou-se após o jantar de sexta-feira, dia 8 de outubro, com a presença de um pouco mais de quarenta pessoas, o que compara mal com as organizações de anos anteriores com registos de presença acima das duas centenas. Contudo, mesmo assim, não foi mau! É que estamos ainda

em pandemia e, sendo a maioria dos participantes nestes eventos maiores de cinquenta anos, ainda não passou o receio de contágio pela Covid-19, embora a Casa São Nuno tivesse tomado todas as precauções que a pandemia ainda aconselha e, diria, impõe.

Foi o Rev. Pe. Mota, um sacerdote diocesano, mas membro da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Viseu, que orientou espiritualmente o retiro. E fê-lo de uma forma superior que acabou elogiada por todos no final, quer em tempo de avaliação, quer em conversas esparsas.

Proferiu três palestras, uma no dia 8 à noite, e as outras duas no dia seguinte. Uma de manhã e outra à tarde. Discorreu em cada uma delas sobre cada um dos três grandes pilares da espiritualidade carmelita: Contemplação (oração), Fraternidade e Serviço (Missão).

Qualquer dos temas foi doutamente escalpelizado pelo orador. Começou por

reflectir sobre a Contemplação (oração). Afirmava ele que é importante buscar o silêncio, ter o coração em alerta, calar e contemplar. Não viemos aqui para escutar o que quero ouvir, mas o que Ele me quer dizer. Deus não grita! Busca-se o Senhor na intimidade com Ele. A Igreja quando pensa no Carmelo pensa numa escola de Contemplação, onde se medita e põe em prática. Finalmente referiu: A oração não são orações!

Com a alma cheia, após a adoração do Santíssimo na capela do Hotel, cada um recolheu ao seu quarto e no dia seguinte, dia 9 de outubro, o Ver. Padre Mota iniciou a sua segunda conferência tendo como pano de fundo a Fraternidade. Onde haja caridade e amor aí habita Deus! E recordou S. Paulo na sua Carta aos Romanos 15.5-7: *“Acolhei-vos, portanto, uns aos outros, como Cristo vos acolheu, para glória de Deus”*. Posso trabalhar com todos, posso cooperar com todos! Não devemos criar barreiras, mas lançar pontes! Trouxe ainda à colação a Encíclica papal Fratelli Tutti,

especialmente os seus n.ºs 42 e 62. Terminou esta reflexão invocando as palavras que o Papa Francisco proferiu no Capítulo Geral da Ordem do Carmo realizado em Setembro de 2019: *“Do silêncio e da oração nascerão comunidades renovadas e ministérios autênticos. Como bons artífices da fraternidade, ponde a vossa confiança no Senhor, superando a inércia da imobilidade e evitando a tentação de reduzir a comunidade religiosa a “grupos de trabalho” que acabariam por diluir os elementos fundamentais da vida religiosa. A beleza da vida comunitária, em si mesma, é um ponto de referência que gera serenidade, atrai o povo de Deus e contagia a alegria de Cristo Ressuscitado. O verdadeiro carmelita transmite a alegria de ver no outro um irmão a ser apoiado e amado e com o qual partilhar a vida.”*

Depois de um tempo de reflexão pessoal, das confissões programadas e do almoço, o Padre Mota iniciou a sua terceira reflexão tendo como tema o “Serviço”. Começou por invocar S. Mateus 20: 25-28: *“... como o Filho*



do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos". Dar a própria vida para resgatar a multidão. Lembrou também o Papa que disse recentemente: "A nossa fidelidade ao Senhor depende da nossa disponibilidade para servir". Invocou especificamente os artigos 46, 48 e 49 da Regra das Ordens Terceiras onde se estabelecem as normas sobre o "Serviço". O Carmelo defende a causa dos pobres, não só de bens materiais, mas também dos pobres de espírito. Quem ama a Deus deve procurá-lo nos pobres.

Após um tempo de reflexão pessoal, passou a avaliar-se programaticamente o Retiro, nos aspectos "O que foi bom", "O que não foi bom" e "O que podia ser melhor de ontem para hoje".

A convicção geral foi de que foi tudo muito bom, havendo, no entanto, quem aspirasse a que o retiro fosse mais longo, face à sua riqueza espiritual.

De seguida demandou-se a Capelinha das Aparições onde toda a comunidade participou no Rosário de nossa Senhora do Carmo.

Depois do jantar, já com a programação do Retiro Concluída, começou o tempo de Encontro/Convívio com o jantar no dia 9.

Depois do jantar o Padre Comissário Fr. Agostinho Castro apresentou as "Conclusões do Capítulo e do Programa para o Triénio" a que chamou de desafios que assentam em três tópicos:

1. Ministério/Animação Vocacional e formação inicial e permanente;
2. Construir Comunidade no discernimento e no acolhimento; e,
3. Evangelização, acompanhamento e caridade. Missão em Comunhão.

Exortou a todos a falar a linguagem da caridade com gestos, Que seja evidente a nossa comunhão e o empenho em caminharmos juntos e que seja evidente a nossa alegria em caminharmos juntos.

Finalmente referiu-se ao Sínodo 2021/2023, em vista de uma Igreja Sino-

dal em: Comunhão, participação e missão.

Após o merecido descanso iniciou-se o terceiro dia com um tempo dedicado à vida de S. Nuno, protagonizado por um antigo aluno do Seminário Missionário Carmelita, Américo Lino Vinhais, tema que abordou nas seguintes perspectivas: Um servo de Deus, da Pátria, da Justiça e do Povo. Trouxe à colação as virtudes cardeais e teológicas versus pecados capitais, bem como o posicionamento de Nuno face aos Sacramentos, que foi sempre de elevado respeito e facilitador de cumprimento enquanto exemplo de vida. De tudo o que disse retirou as seguintes conclusões que foram o testemunho de vida de S. Nuno:

- Humanidade, Fraternidade, Verdade, Dignidade e Humildade;
- Uma força de mudança em favor da justiça;
- Promoveu estilos de vida mais sóbrios e solidários, mas também de partilha;
- Exerceu exemplarmente os valores da cidadania;
- Apelou à dignificação da vida política como expressão do humanismo ao serviço do bem comum;
- Usou como arma o seu próprio exemplo;
- Fez a guerra para a Paz;
- Fez-se pobre entre os pobres – Tornou-se pobre para os pobres.

De seguida a Priora da VOTNC de Lisboa, Manuela Pardal, presidente do secretariado da Família Carmelita, discorreu sobre a composição do secretariado, que acabou ratificado para um período de três anos.

Seguiu-se animado almoço, com o qual o encontro se deu o encontro por concluído.

Só mais uma nota digna de registo: nas duas refeições principais intercalares, para evitar que cada um buscasse os que lhe são mais próximos foi decidido que os lugares nas mesas fossem ocupados por sorteio e... resultou!

Américo Lino Vinhais



Diz amo-te, sem medo nem vergonha

É estranho que amemos alguém sem que lho digamos.

Muitas vezes são pessoas da nossa família próxima a quem podemos passar anos e anos sem que expressemos de forma clara o que sentimos e pensamos a seu respeito.

A nossa vontade de que sejam felizes devia considerar que escutarem da nossa boca um Amo-te, ou um Gosto Muito de Ti é algo que faz diferença.

Quão importante para nós é escutá-lo, mesmo quando temos a certeza de que é essa a verdade?

Em quase todas as casas existe amor, mas em poucas há quem seja capaz de o expressar de forma tão simples quanto clara.

Que vergonha pode existir em dizer que amamos os nossos filhos ou os nossos pais?

É possível que também nós nunca o tenhamos escutado, mas essa é uma boa razão para o não dizermos?

Há quem espere por uma oportunidade tão acertada... que esse momento nunca chega. Até que, em alguns casos, quando estamos dispostos a dizê-lo, já o outro não está.

Se acabou, então não era amor... mas nada sobrevive sem ser alimentado.

Sem cuidado tudo se degrada.

Quando eu abraço a minha felicidade à de alguém, isso significa que essa pessoa me inspira e que posso ser feliz apenas por... admirar a sua felicidade. Que eu nunca tema o amor que sinto, nem me envergonhe da sua verdade. Que eu tenha coragem de amar por obras, mas também de dizer sempre que amo quem amo, a quem amo.

José Luís Nunes Martins



Caminhar juntos, lado a lado, na mesma direção

Vem aí o Sínodo, cuja assembleia geral será em outubro de 2023, já depois da Jornada Mundial da Juventude, a realizar em Lisboa, no verão anterior. O tema é desafiante: Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão.

O documento preparatório veio a público a 7 de setembro e lança as bases de um caminho a percorrer juntos. Basta, apenas a título estatístico, notar que a palavra “sinodalidade” aparece 26 vezes, para concluir que a focagem no tema é evidente. Diz o texto que “o caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do Terceiro Milénio”, pois, “o nosso caminhar juntos é o que mais implementa e manifesta a natureza da Igreja como Povo de Deus peregrino e missionário”.

Objectivos...

A urgência vai para a escuta do Espírito que implica abertura às surpresas do caminho. Há muitos **objectivos de evange-**

lização a atingir: “fazer memória do modo como o Espírito orientou o caminho da Igreja ao longo da história e como hoje nos chama a ser, juntos, testemunhas do amor de Deus; viver um processo eclesial participativo e inclusivo; reconhecer e apreciar a riqueza e a variedade dos dons e dos carismas que o Espírito concede; experimentar formas participativas de exercer a responsabilidade no anúncio do Evangelho e no compromisso para construir um mundo mais belo e mais habitável; examinar como são vividos na Igreja a responsabilidade e o poder, e as estruturas mediante as quais são geridos, destacando e procurando converter preconceitos e práticas distorcidas que não estão enraizadas no Evangelho; credenciar a comunidade cristã como sujeito credível e parceiro fiável em percursos de diálogo social, cura, reconciliação, inclusão e participação, reconstrução da democracia, promoção da fraternidade e da amizade social; regenerar as relações entre os membros das comunidades cristãs

e entre estes e todos os outros crentes e organizações da sociedade civil; favorecer a valorização e a apropriação dos frutos das recentes experiências sinodais nos planos universal, regional, nacional e local.”

Tempo de escuta

Começa agora o **tempo da escuta e consulta do Povo de Deus** nas igrejas particulares, uma fase que irá até abril de 2022. Há que “investigar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho”.

O mundo vive ainda em choque com as consequências da pandemia que ajudou a perceber que ninguém se salva sozinho, mas também acentuou o fosso entre ricos e pobres e complicou ainda mais a fragilidade das condições de vida de muitos migrantes. É urgente a escuta do clamor dos pobres e da terra e podemos ser ajudados pelas encíclicas *Laudato Si* e *Fratelli Tutti*. Também há que olhar para as minorias perseguidas, em alguns países: “alguns deles, os católicos, em conjunto com outros cristãos, experimentam formas de perseguição até muito violentas, e não raro o martírio.”

O clericalismo está muito presente na vida da Igreja e, por isso, há que o ultrapassar, pois “é impensável uma conversão do agir eclesial sem a participação ativa

de todos os membros do Povo de Deus”.

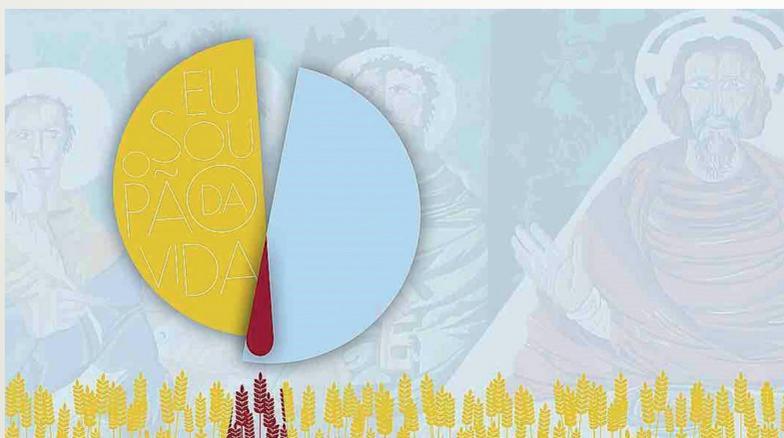
Voltando ao tema, “a sinodalidade representa a via mestra para a Igreja, chamada a renovar-se sob a ação do Espírito Santo e graças à escuta da Palavra”. Por isso – lembra o documento – “uma Igreja capaz de comunhão e de fraternidade, de participação e de subsidiariedade, em fidelidade ao que anuncia, poderia colocar-se ao lado dos pobres e dos últimos, emprestando-lhes a própria voz”.

Já que estamos juntos, a caminho, na mesma direção, demos tempo ao tempo, façamos a digestão da primeira parte deste documento preparatório. Para a semana haverá mais caminho a percorrer. Somos Igreja em saída, estamos juntos, claro.

Companheiros na viagem sinodal

“Comunhão, Participação, Missão” são as três palavras-chave para a caminhada sinodal que o Papa Francisco propôs à Igreja. Temos de nos pôr à escuta do Espírito e arranjar calçado leve para caminharmos juntos, lado a lado, atentos às propostas de Deus.

A fidelidade ao Evangelho obriga-nos a seguir Cristo que, durante a sua missão, “aceitou como interlocutores todos aqueles que sobressaem da multidão”: atendeu a lamentação da mulher cananea; abandonou-se ao diálogo com a samaritana, soli-



citou o ato livre e reconhecido do cego de nascença. Assim fica claro que, nos Evangelhos, há três atores: Jesus, os Apóstolos e a multidão. A estes três, junta-se, por vezes, o antagonista, ou seja, aquele que impede o caminho em comum, enganando tudo e todos: “para evitar os enganos deste ‘quarto ator’ é necessária uma conversão contínua”.

A visita de Pedro à casa de Cornélio (Atos dos Apóstolos, 10) mostra como “a ação apostólica cumpre a vontade de Deus, criando comunidade, derrubando barreiras e promovendo encontro”. O chamado Concílio de Jerusalém, que decidiu pela não obrigação de circuncisão, apresenta “um processo de discernimento que é uma escuta em comum do Espírito”.

Este documento preparatório do próximo Sínodo defende que “iluminado pela Palavra e fundamentado na Tradição, o caminho sinodal enraíza-se na vida concreta do Povo de Deus”. Exige-se, então, a resposta a uma questão fundamental que vai orientar a fase de consulta ao Povo de Deus: “Anunciando o Evangelho, uma Igreja sinodal ‘caminha em conjunto’: como é que este ‘caminhar juntos’ se realiza hoje na vossa Igreja particular? Que passos o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso ‘caminhar juntos’?”

Grandes temáticas

Há dez grandes temas a refletir e aprofundar:

1. Quem são os **companheiros desta viagem** sinodal?

2. **Ouvir**. Quem está na nossa Igreja particular em “dívida de escuta”? Como ouvimos o contexto social e cultural onde vivemos?

3. **Tomar a palavra**. Todos estão convidados a falar com coragem, integrando liberdade, verdade e caridade, usando um estilo comunicativo livre e autêntico.

4. **Celebrar**. Caminhar juntos só é possível se nos basearmos na escuta comunitária da Palavra e na celebração da Eucaristia.

5. **Corresponsáveis na missão**. Somos todos discípulos missionários. Como é que cada comunidade apoia os seus membros comprometidos num serviço na sociedade (na responsabilidade social e política, na investigação científica e no ensino, na promoção da justiça social, na salvaguarda dos direitos humanos e no cuidado da casa comum, etc.)?

6. **Dialogar na Igreja e na sociedade**. Quais são os lugares e as modalidades de diálogo no seio da nossa Igreja particular? Que experiências de diálogo e de compromisso partilhado promovemos com crentes de outras religiões e com quem não crê?

7. **Dialogar com as outras confissões cristãs**. O diálogo ecuménico ocupa um lugar particular nesta caminhada sinodal. Que relacionamentos mantemos com os irmãos e as irmãs das outras confissões cristãs? A que âmbitos se referem? Que frutos colhemos deste caminhar juntos? Quais são as dificuldades?

8. **Autoridade e participação**. Uma Igreja sinodal é participativa e responsável. Quais são as práticas de trabalho em grupo e de corresponsabilidade?

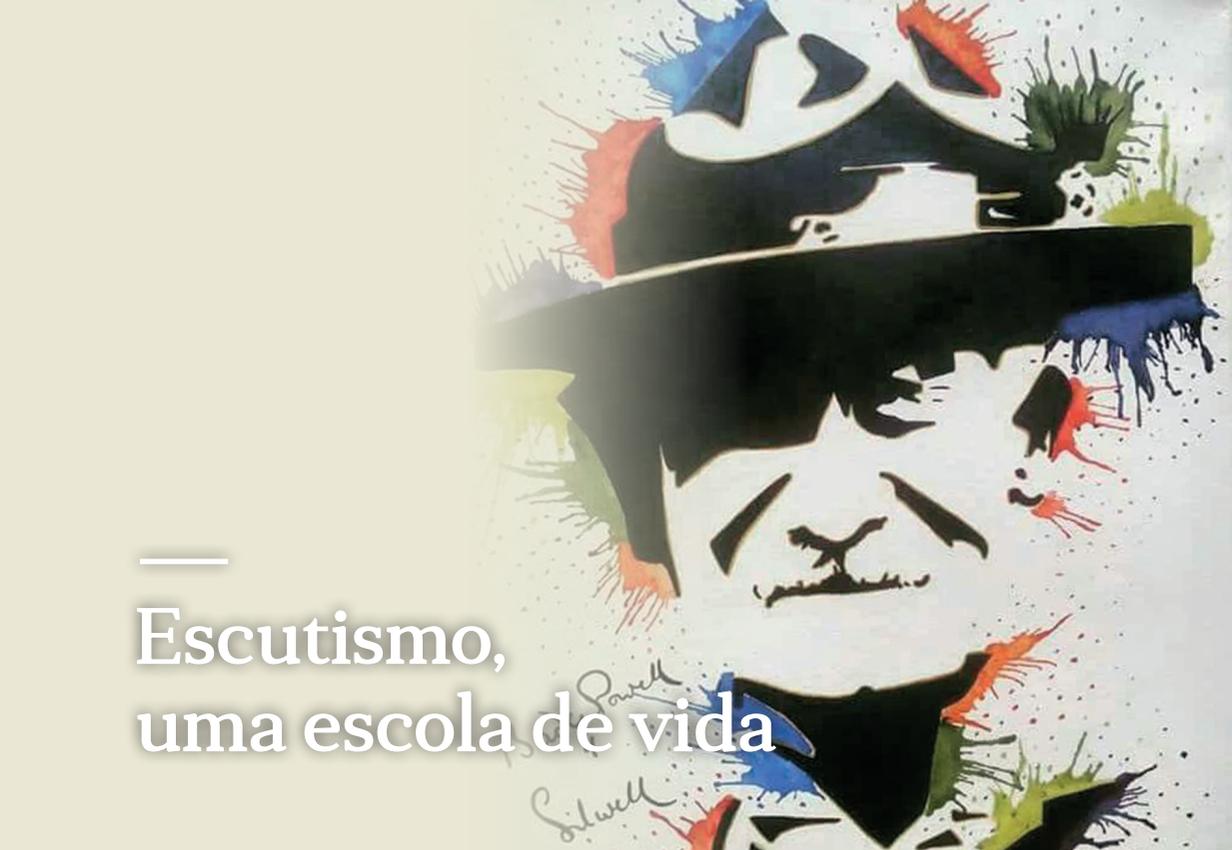
9. **Discernir e decidir**. Num estilo sinodal, decide-se por discernimento, com base num consenso que dimana da obediência comum ao Espírito.

10. **Formar-se na sinodalidade**. Que formação oferecemos para o discernimento e o exercício da autoridade?

Nesta fase de consulta, é muito importante que a voz dos pobres e dos excluídos seja escutada. O objetivo final não é produzir documentos, mas “fazer germinar sonhos, suscitar profecias e visões, fazer florescer a esperança, estimular confiança, tratar feridas, entrançar relações, ressuscitar uma aurora de esperança, aprender uns com os outros e criar um imaginário positivo que ilumine mentes, aqueça corações, restitua força às mãos”.

Vamos a isso, que se faz tarde!

Pe. Tony Neves



Escutismo, uma escola de vida

Para mim falar do Escutismo é falar de uma família muito alargada de irmãos e irmãs com quem me fui cruzando ao longo da vida. Fui escuteiro dos 6 aos 33 anos. Foi um quarto de século de muitas aprendizagens, crescimento e diversão. Sim, diversão, porque o fundador do escutismo, Baden-Powell, sempre defendeu que era através do jogo que as crianças e adolescentes mais podiam aprender.

Hoje olhamos em volta e vemos crianças e adolescentes em muitas ocupações e atividades, mas perguntamo-nos, quanto de tudo isto é jogo? É no jogo que estimulamos a criatividade e a imaginação. Se esquecermos estes aspetos não estamos a proporcionar uma educação integral às nossas crianças e jovens.

Foi nesta família que cresci. Lembro-me de muitos jogos, caminhadas, acampamentos, convívios e viagens.

Estas são as faces visíveis do escutismo, todos vemos os escuteiros de vez em quando numa cidade, em grupo, à procura de um caminho. Mas nem sempre sabemos o que está por trás.

Por detrás de cada atividade existe um projeto onde todos os elementos participam, dos mais novos aos mais velhos. Baden-Powell sempre exortou a perguntar às crianças e jovens qual era a sua vontade. Depois, todos colaboram para que aquela atividade se concretize, desde a venda de calendários ou rifas, até aos contactos e compras para levar.

Esta foi a grande aprendizagem que fiz no escutismo: viver em comunidade, consciente de que todos são precisos para atingir um objetivo.

No escutismo católico, esta vivência é potenciada pela fé. Trata-se de manifestar a nossa fé em atos concretos do dia-a-dia.

Vivemos em comunidade cumprindo o mandamento do amor, buscando a construção um mundo melhor.

O escutismo encontra na Igreja patronos e modelos de vida que são homens e mulheres que, pelos seus valores, pela sua vida e pela sua fé ajudaram à construção do Reino. Em Portugal, o escutismo católico tem como patrono São Nuno de Santa Maria. Esta importante personagem na História de Portugal foi escolhida pela sua vida de fé e pelas suas obras.

Entre os 6 e os 20 anos estive no escutismo como elemento, aproveitando todas as oportunidades para aprender e me divertir. A partir dos 21 anos lançaram-me o desafio de ajudar as crianças e jovens a crescer e a desenvolverem-se. Foi com um espírito de missão que, durante 12 anos, embarquei nessa viagem. Eu tinha vivido o jogo enquanto participante, a partir desse momento passei a vivê-lo do outro lado. Organizar um simples jogo implica conhecer muito bem cada um dos elementos, quais os objetivos e de que forma aquele jogo permite o desenvolvimento de competências.

O Escutismo é uma escola de vida para mais de 70 mil rapazes e raparigas, homens e mulheres, em Portugal. Nesta escola estabelecem-se amizades para a vida e ensaiam-se formas de viver em sociedade, participando no seu desenvolvimento.

Esta foi a minha escola de vida até ao ano passado, momento em que deixei de ser escuteiro no ativo. Dizemos, entre nós, que uma vez escuteiro para sempre escuteiro. É neste espírito que escrevo. Com a certeza de que este movimento continua a ter muito para dar à Igreja e à sociedade. É certo que terá as suas falhas, mas até nisso é um laboratório para a sociedade, discutem-se propostas de melhoria e todos os anos se tenta fazer mais e melhor, em prol de todas as crianças e jovens.

Preparamo-nos para acolher a Jornada Mundial da Juventude, e os escuteiros estarão a viver em cada uma das suas dioceses este momento de encontro e de festa. A alegria característica dos escuteiros estará ao serviço da Igreja. Que a Jornada possa ser mais um momento de crescimento na fé para tantas e tantos escuteiros.

Tiago Casaleiro





Aquela Voz Salvou-me

Terça-feira, doze de novembro de 1991, quatro horas da manhã. Habitualmente acordamos às 05h. Mas nesse dia levantámo-nos muito cedo e quando olhámos o relógio eram 04h da madrugada e, imediatamente, fomos fazer o pequeno-almoço. Meia hora depois tudo estava devidamente preparado. De seguida cada um de nós foi tomar um duche. Às 05h tomámos o pequeno-almoço e quinze minutos depois saímos de casa com a intenção de irmos à missa. Chegámos à igreja de Motael às dez para as seis. Antes da eucaristia há a confissão, à qual não fomos porque chegámos atrasados.

A missa começou às 06h. Aqueles que participaram nessa eucaristia eram sobretudo jovens. A missa correu como normalmente.

O jornalista Max Stahl, acompanhado por um jovem da Nova Zelândia, de nome Camal, tirou fotos durante a celebração da eucaristia. Camal era um estudante

que se encontrava em Timor para fazer alguma pesquisa sobre a situação do país na época.

Depois da missa, encontravam-se na rua aqueles que, vestindo as camisolas com o símbolo de lorico, estavam encarregues de nos organizarem.

Ainda me lembro bem de quando gritámos as palavras “Viva Xanana! Viva Timor-Leste!”, durante o caminho para o cemitério de Santa Cruz.

Quando chegámos ao cemitério eram cerca das 09h. Quinze minutos depois chegou um carro militar, da marca Hino, do qual saíram militares com armas. Mesmo assim, os colegas responsáveis pela organização continuaram a orientar-nos para mantermos a disciplina e a ordem.

E continuámos a gritar as mesmas palavras por Xanana e por Timor-Leste, enquanto os militares desapareciam.

Aproximadamente dez ou quinze minutos depois, os militares regressaram com mais dois carros e mais armas.

Rapidamente desceram dos carros e atiraram sobre os manifestantes, impietosamente. Ainda me lembro de ouvir os que gritavam “Pai... Mãe... morremos” e de todos os que, muito baixinho, diziam “Mãe... Pai... morro”. Escondido ao lado de um sepulcro, vi os meus colegas a cair e a morrer sob as balas dos militares.

Mas ouvi também uma voz mais alta chamar: “Corre e entra aqui em casa!”. Sem pensar em nada, segui aquela voz. Era a voz de uma jovem mulher.

Quando cheguei ao sítio de onde vinha a voz, percebi que a casa estava fechada, ninguém abria a porta.

Continuei a correr em volta da casa, porque um homem com uma catana na mão perseguia-me para me matar. Corri à volta da casa cerca de quinze ou dezasseis vezes até conseguir entrar.

O homem também tentou entrar na casa, mas, enquanto levantava a mão para me matar, a mesma ficou presa na porta, impedindo a catana de tocar na minha cabeça. Em vez disso, a arma caiu sobre o meu ombro esquerdo. Apesar da condição física grave, consegui prender-lhe os braços com força. Nesse momento, proferi de dentro do meu coração:

“Nossa Senhora de Fátima, salva-me deste perigo”.

Estas palavras giraram sem parar no meu coração enquanto eu lutava para me salvar. Meia hora depois, ele desistiu e eu fugi e escondi-me na casa das pessoas, debaixo de uma cama, tal como o proprietário me pediu.

Minutos depois, alguém se aproximou do proprietário da casa com uma faca para me matar, ao que o homem bom pediu: “Deixa-o viver! Os seus colegas já morreram, mas ele não vai morrer também!”. Dessa forma, a intenção de matar-me não se realizou e o proprietário da casa conseguiu salvar a minha vida. O seu argumento e a sua razão salvaram-me.

Fiquei sem saber se a voz que me tinha chamado e que me tinha salvado era a voz de Nossa Senhora que através de uma simples rapariga me chamou e salvou.

Se não tivesse seguido essa voz, talvez hoje não soubesse onde fica Portugal. Mas, graças a Deus, segui aquela voz e, por isso, estou vivo. Aquela voz salvou-me. Tudo isso aconteceu há trinta anos e nunca me vou esquecer.

Frei Manuel Almeida da Costa, O. Carm.





Fátima, Escola de santidade – I

Introdução

Fátima é escola de santidade, um lugar onde ecoam as palavras da Sagrada Escritura: «Sede santos porque Eu, o vosso Deus, sou santo». Mas o que é que faz de um lugar santo e abençoado, como Fátima, uma escola de santidade? Em que medida Fátima já é e pode ser sempre mais escola de santidade?

Numa escola há professores e alunos, mestres e discípulos. Em Fátima, quem são os mestres e os discípulos? O Anjo e a Virgem Maria são os mestres; as três crianças, Lúcia, Francisco e Jacinta são os discípulos escolhidos para receberem um ensinamento, uma mensagem do Céu. São escolhidos para acolher e integrar o mistério que receberam na sua própria vida e o transmitirem ao mundo.

Estes pequenos discípulos tornam-se também mestres, mais, mistagogos, porque passam a comunicar uma experiência. Os discípulos deixam-se transformar pelo que misticamente escutaram do Anjo e da Virgem, acolheram e experimentaram envoltos no mistério de Deus Trindade.

As visitas do Anjo

Na primeira visita do Anjo, este convida-os a rezar: «Orai comigo: Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não vos amam», insere-os na vida teológica da fé, esperança e amor. Convida à oração, ensina a rezar e reza, ensina mistagogicamente. A centralidade da oração, da escuta, do

diálogo, são predisposições para acolher qualquer graça.

Na segunda aparição, o Anjo desperta-os para o sacrifício: «Ofereci constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios». A oração precisa de ir acompanhada de obras, de sacrifícios, de gestos visíveis de amor por Aquele ou aqueles que amamos. Os sacrifícios são obras com um amor sacro, sagrado, santo... ou seja com uma intencionalidade e intensidade ao ponto de fazerem bem não só pela obra em si mas também pela carga de amor que encerra, como mais tarde lhes ensinará a Virgem Maria na aparição do dia 13 de julho de 1917: «Dizei sempre: é por Vosso amor, ó Jesus».

E na terceira, o Anjo abre os pastinhos aos mistérios da Santíssima Trindade e da Eucaristia: «Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o Preciosíssimo

Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra» - e foca as crianças nos mistérios centrais e transformantes da vida dos cristãos: a Trindade na qual somos batizados e da qual recebemos toda a graça, dela vivimos e para ela caminhamos; temos vocação e missão de comunhão; e a eucaristia, o alimento dos peregrinos de cada tempo e lugar, a prova de maior amor que Jesus nos deixou e nela quis permanecer conosco até ao fim dos tempos.

Em todas estas visitas há ensinamentos, há mistagogia, há convite a viver centrado em Deus e na sua vontade. O Anjo põe os meios, coloca as crianças diante e dentro do mistério para que possam experimentar a santidade de Deus e abrir-se à Sua vontade, abrindo-se cada vez mais aos seus planos de amor e misericórdia que o Deus Santo quer comunicar às suas criaturas.





A visita da Virgem Maria

Depois, o Anjo cede o protagonismo à Virgem Mãe de Jesus. “Por Ela nos vieram todos os bens”.

E a Virgem Maria faz-lhes esta pergunta
- Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?

- Sim, queremos!

- Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.

Foi ao pronunciar estas últimas palavras (a graça de Deus, etc.) que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa... Então por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente:

- Ó Santíssima Trindade, eu vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.

Logo nesta primeira aparição de Maria, quando abre as mãos e comunica aos Pastorinhos aquela luz intensa, e a Irmã Lúcia diz que por um impulso íntimo se prostraram e rezaram: «Santíssima Trindade, eu vos adoro. Meu Deus, meu Deus eu Vos amo no Santíssimo Sacramento»; esta oração e os gestos que a acompanham são pura mistagogia, porque voltam a apresentar os maiores mistérios da nossa fé, mistérios para serem acolhidos e experienciados.

A Virgem Maria perguntou às crianças se se queriam oferecer a Deus, à sua vontade e eles prontamente deram o seu sim, mas para poderem fazer este total oferecimento de si mesmos à vontade de Deus, tinham que receber uma graça e essa foi-

-lhes comunicada naquela grande Luz que Maria lhes comunicou. Nessa luz foi-lhes mostrado de novo, agora pelas mãos de Maria, o mistério da Santíssima Trindade e a Eucaristia. Isto não é um acaso. É um ensinamento do Céu: Na oração, e na experiência eucarística os pastorinhos recebem a graça para se «oferecerem a Deus»; para terem a capacidade de fazer a vontade de Deus é preciso o Pão da Eucaristia. A Eucaristia é oferenda, oblação de Jesus por nós e para nossa salvação. Não há santidade de vida que não fale desta entrega, deste oferecimento, deste desejo de receber e dar vida, ou seja, da Eucaristia.

Santa Teresa de Jesus diz ao comentar o “Pai Nosso” no seu “Caminho de Perfeição” (CP 33, 1-3) que só se pode fazer a vontade de Deus se se comer do Pão eucarístico; para fazer a vontade de Deus é preciso ter uma experiência de Deus e alimentar-se da Eucaristia, que é a inflamação de amor maior para deixar as nossas pequenas vontades egoístas a fim de se entregar inteiramente à vontade de Deus; a experiência de Deus dilata o coração para acolher a Sua vontade. A Eucaristia alimenta, no tempo, esta dilatação do coração para amar ao modo de Jesus e Maria.

Depois, vai notar-se, ao longo do tempo das Aparições, como o Pão da Eucaristia transforma as crianças e as leva a perdoar, a compreender e perdoar os que as ofendem e aqueles que as perseguem e maldizem.

A Virgem Maria torna-se, portanto, uma mestra nesta Luz centrando os pequenos no essencial da vida cristã.

Depois, faz desabrochar, na segunda aparição, a graça da missão específica de cada um: Francisco, o contemplativo; Jacinta, a compassiva; e a Lúcia, a mensageira e anunciadora, porque integrou a mensagem na sua vida para a transmitir. Lúcia vai ter sempre no refúgio do coração da Virgem Mãe, no coração da Igreja, no coração do Carmelo, no Coração de Jesus, que formam

um só e grande Coração (S. João Eudes) e só assim nesta Escola do Coração de Maria, consegue acolher, experienciar e transmitir tudo o que recebeu... Como a Virgem Maria, Lúcia vai viver no e do Coração, levando tudo ao coração, meditando, dando voltas a estes acontecimentos no coração, como a Virgem Maria... A transformação da Irmã Lúcia acontece no escondimento, numa longa maturação que o Espírito santificador foi operando em todo o seu ser.

Depois na terceira aparição, a Virgem Maria ensina os Pastorinhos a fazerem tudo por amor:

- Sacrificai-vos pelos pecadores e dizeis muitas vezes e em especial quando fizerdes alguns sacrifícios: "Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria".

A Virgem Maria, como mistagoga enviada por Deus, ensina as crianças a fazer de todos os seus atos ao longo do dia, não atos frouxos, mas atos robustecidos pelo amor. Na nossa vida podemos realizar o que temos a fazer, as tarefas mais simples, simplesmente por obrigação, porque tem que ser... de forma mecânica e frouxa, sem alma... E quando a nossa vontade não adere por amor, esses atos ficam como que perdidos para Deus e não nos santificam. A Virgem Maria ensina a fazer “atos intensos e bons” (P. Eugénio Maria), isto é, a robustecer a nossa vontade no amor, os atos que fazemos (o que nos custe mais ou menos), realizá-los todos por amor: “Ó Jesus, é por Vosso amor”... Fazer assim todas as coisas na nossa vida, dizendo muitas vezes, “é por vosso amor”, é assim que crescemos no Amor e nos tornamos santos, porque é a vida teologal que nos une a Deus e faz-nos participar da Sua Santidade.

Este foi mais um ensinamento aprendido na Escola de Fátima, ensinado pela Virgem Maria aos Pastorinhos.

Pe. Joaquim Teixeira. OCD



Mais do que um projeto de vida... um projeto de amor!

Quando me perguntam o que é “ser missionária”, respondo sempre com um sorriso: “é emprestar as mãos e o coração a Jesus”. O caminho começa quando entendemos que a vocação é iniciativa de Deus, dom do Pai, Filho e Espírito Santo. Só assim acontece esta trilogia missionária do dar-receber-retribuir.

Nesta dinâmica de vocação/missão, a pergunta que se me impunha, numa estrutura de diálogo com Deus, era “qual a vontade de Deus para mim?”. O discernimento passa sempre, em primeiro lugar, por um processo de escuta. Se não nos dispusermos a ouvir, e a admitirmos que Deus nos pode chamar, uma coisa é certa: nada acontece. Descobrimos a vontade de Deus, quando nos dispomos interiormente a aderir ao que for melhor para nós e que nos aponta àquele caminho que nos conduzirá à paz e à felicidade. Assim fiz. Rezei a minha vida com a certeza de que

Deus não deixaria de Se manifestar na hora certa, que é a Sua hora – a hora da graça. Até chegar “essa hora”, a mim, restava-me cultivar a paciência e a perseverança desejando apenas a Sua vontade. Desejar encontrar a vontade de Deus, escrita no céu, tapada por uma nuvem, na esperança de que um dia, o vento sopra e eu possa ler “o teu caminho é...”, ou então esperar para ouvir uma voz do além que nos diga claramente “segue por aí...” parece-me uma utopia. A vocação é, simultaneamente, opção e chamamento. Aquilo que “Eu Sou” e aquilo que “Eu Quero” é expressão da vontade de Deus em mim.

Recordo-me do Papa Francisco, na oração *Urbi et Orbi*, em 2020, quando repetia as palavras de Jesus: «Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?» Nesta dinâmica da fé, incentivava-nos a convidar “Jesus a subir para o barco da nossa vida” e a confiar-Lhe os nossos medos, “para que

Ele os vence." E quando vencemos esses medos, o Espírito Santo - animador de toda vocação e o companheiro de caminho - habilita-nos para o «testemunho» de, não só guardar Jesus no coração, mas a anunciá-Lo como vida do mundo.

Foi com essa vontade de O anunciar que fui enviada, em nome da Arquidiocese de Braga, para o serviço da Diocese de Pemba, na Paróquia de Santa Cecília de Ocua, província de Cabo Delgado – Moçambique. Integro o projeto “Salama!” – criado no âmbito de um acordo de cooperação missionária entre as duas dioceses - e que tem como principal objetivo a dinamização de toda a pastoral de Santa Cecília de Ocua, paróquia extraterritorial da Arquidiocese de Braga. Paralelamente, e para além de dar continuidade aos projetos sociais já existentes, sem esquecer a formação de âmbito pastoral na qual também fazia formação em Portugal e, sendo eu da área da educação, estarei mais direcionada para a reativação da escolinha da Missão Católica de Ocua e para a promoção de outros projetos que levem à autonomia e à capacitação das pessoas.

A paróquia, composta por 17 zonas, subdivide-se em 98 comunidades e dista da cidade de Pemba cerca de 200km. A co-

munidade mais longe da sede da missão, Savanuni, dista cerca de 100 quilómetros em terra batida e picadas. O impacto, para quem chega, na saúde, na educação, na vida social e comunitária, é muito grande... Mas o Espírito Santo e o amor de Deus também é. A paróquia está situada numa zona marcadamente rural onde a eletricidade ainda não chegou e a água só é encontrada nos poços comunitários. Ao poço da missão chegam-nos mais de cinquenta mães todos os dias. O meio de subsistência deste povo passa pelo trabalho nas machambas (hortas) onde, em tempos “abastados” conseguem cultivar mandioca, milho, feijão e gergelim que lhes servirá como único sustento para o ano.

O Papa Francisco começa a mensagem para o *Dia Mundial das Missões* deste ano dizendo que “quando experimentamos a força do amor de Deus, quando reconhecemos a sua presença de Pai na nossa vida pessoal e comunitária, não podemos deixar de anunciar e partilhar o que vimos e ouvimos.” Há tanto ainda para ver nesta terra... e tanto para ouvir o que este povo tem para dizer! Em cada amanhecer não me permito demitir daquilo que me fez colocar os pés ao caminho: o amor! Não procuro construir a minha história, em Mo-





çambique, com histórias extraordinárias, mas sim, com histórias de gente que luta todos os dias para sobreviver a tamanho sofrimento, solidão, pobreza e injustiças de que já tantos padeciam!

Como a história do papá Iugo Sumail. Chegou à missão alegando problemas de saúde. Como o posto de saúde estava encerrado, porque era feriado em Moçambique, dissemos-lhe para vir ter conosco no dia seguinte e que o acompanharíamos. No decorrer da conversa disse que era deslocado de Mocimboa da Praia, local onde decorreram os ataques levados a cabo pelo Estado Islâmico e que hoje continua a ser uma vila abandonada, destruída e sem as mínimas condições de habitabilidade. Fugiu, em agosto de 2020, depois da aldeia onde morava sofrer o último ataque. “Já poucos restavam na aldeia e não podíamos continuar lá”, disse com o olhar focado num horizonte como se a memória o levasse até à sua terra natal. Esteve escondido, no mato, cerca de um mês juntamente com

a esposa, a filha e cinco netos. “Vivíamos com muitas dificuldades. Não tínhamos comida, onde dormir e nem sabão.” afirmou, sublinhando que desconhecia o paradeiro da restante família. A filha, que estava em período de gestação, acabaria por falecer de cólera. Temendo o mesmo desfecho para os netos, colocou pés ao caminho e percorreram, depois de passarem por Moeda e por Pemba, quase 400km até chegar a Ocua. Têm mais seis filhos, que residiam nas zonas dos ataques, e que até hoje desconhecem o paradeiro. Contou-me esta história enquanto caminhávamos até à casa, (des)coberta com capim, e que lhes foi cedida “por caridade”, disse. Preocupava-o as chuvas (que estão prestes a chegar) e a alimentação das crianças. O que recebiam do PMA - Programa Mundial de Alimentação - não estava a ser suficiente e, como estava doente, tinha dificuldade em ajudar os “novos” vizinhos nas suas machambas. Perguntei a idade das crianças à avó. Não sabia. Aqui elas nascem no “naquele ano em que choveu muito” ou

“no tempo em que os cajueiros deram muitas castanhas”. O tempo deles não obedece ao nosso calendário. O pouco que consegui fazer por esta família pareceu-lhes tanto... e foi tão pouco!

Deixo-me, todos os dias, evangelizar pelos que encontro. Para que depois também eu possa partir ao encontro, despida dos pre(conceitos) de um mundo ocidentalizado e, marcadamente, consumista. Um mundo que não nos deixa parar para ver os detalhes. Como por exemplo o olhar. Marca-me o olhar de tantas crianças que, com os pés descalços e a roupa em farrapos, vestem todos os dias o seu melhor sorriso! Talvez porque, creio eu, desconhecem ainda o futuro tão doloroso que as espera. O olhar dos adolescentes é diferente... Aqui começaram a acentuar-se as diferenças culturais e de género. Muitas meninas adolescentes já carregam as crianças às costas! Na minha ingenuidade (ou talvez porque assim queria acreditar) ainda pergunto a muitas se são seus irmãos aqueles bebés que carregam. Mas não... São crianças a terem crianças! Depois temos o olhar dos mais velhos. Um olhar profundo que expressa, tantas vezes, um grito silenciado pelas dificuldades enfrentadas. O olhar dos mais velhos, os papás e mães, é um olhar de sofrimento. De dor. De incerteza.

Muitos destes papás e mães batem à porta da missão dizendo, “mana, vim saudar”. É com esta expressão que muitos chegam até nós. Muitas vezes segue-se um silêncio incompreensível para nós, os ocidentais, que estamos tão acostumados a preencher o tempo com palavras. Mas para eles é diferente! Este “vim saudar”, às vezes é apenas isso, uma saudação (e muitos fazem quilómetros a pé para nos vir saudar!) mas outras vezes a saudação traz consigo outras perguntas que são difíceis de compreender na lógica humana! Como aquele papá que chegou à missão com uma bebé de seis meses ao colo. Começou

com essa expressão e um olhar cabisbaixo. Perguntei algumas vezes o que precisava e se o podia ajudar. Não respondeu e assumi que não me compreendia. A língua oficial em Moçambique é o Português mas a província de Cabo Delgado divide-se em dois grandes povos que, conseqüentemente, formam o seu dialeto: a norte os macondes e a sul os macuas. Na paróquia o dialeto é maioritariamente macua – embora os deslocados sejam macondes - e este varia de comunidade para comunidade, qual torre de Babel. Voltando ao papá. Quando pedi ao guarda da missão para me traduzir, o papá disse-lhe que não precisava porque falava português. “Vim deixar a minha filha” – disse-me com a voz trémula e lágrima no olho. Contou que a esposa estava doente desde que a bebé nasceu e que, os restantes filhos, eram homens. Por isso não podiam cuidar dela. “E é uma rapariga” disse ele, algumas vezes. Em Moçambique, as meninas não têm os mesmos direitos. O valor da vida é diferente como se a vida não fosse toda igual e os direitos não fossem os mesmos! Aquele pai fez quilómetros para vir deixar a sua filha... Os olhos dele nunca saíram do chão e nunca encontraram os meus! O silêncio quer dizer tanto! Dissemos que o poderíamos ajudar sim, mas não dessa forma. Que ele era o papá dela e que precisava de cuidar. Que toda a família se deveria unir para cuidar dela. “Dela” porque esta menina ainda não tinha nome.

Há tantos rostos assim. Procuo amar, cada um deles, na medida em que o amor exige compreensão, paciência e muita caridade no coração. Só assim me abro a este Deus, que conhece melhor do que ninguém o coração dos seus filhos e que me mostra diariamente – através destes rostos sem nome – que se continua a cumprir, em mim, a Sua vontade.

Fátima Castro,
leiga missionária
na Missão de Ocua, Moçambique



A Proteção da Criação

Mensagem assinada em conjunto pelo Papa Francisco, o Patriarca Ecuménico Bartolomeu e o Arcebispo de Cantuária Justin Welby

Uma mensagem conjunta para o cuidado da criação

Por mais de um ano todos nós experimentamos os efeitos devastadores de uma pandemia global, todos, pobres ou ricos, fracos ou fortes. Alguns foram mais protegidos ou mais vulneráveis do que outros, mas a rápida propagação da infecção implicou a dependência uns dos outros nos nossos esforços para nos mantermos em segurança. Compreendemos que, enfrentando esta calamidade global, ninguém está seguro enquanto todos não estiverem seguros, que as nossas ações realmente influenciam os outros e que quanto fazemos hoje influencia o que acontecerá amanhã.

Não se trata de lições novas, mas tivemos que as enfrentar de novo. Não desperdicemos este momento! Temos que decidir que tipo de mundo queremos deixar às gerações vindouras. Deus ordena: «Escolhe, pois, a vida, para que vivas com a tua posteridade» (*Dt 30, 19*). Devemos escolher viver de maneira diferente; devemos escolher a vida.

Setembro é celebrado por muitos cristãos como Tempo da Criação, uma oportunidade para rezar e cuidar da criação de Deus. Enquanto os líderes mundiais se preparam para se encontrar em Glasgow, em novembro, para deliberar sobre o futuro do nosso planeta, oremos por eles e reflitamos sobre as escolhas que todos nós devemos fazer. Por isso, como guias das nossas Igrejas, exortamos todos, independentemente da sua fé ou visão do mundo, a procurar ouvir o clamor da terra e das pessoas pobres, examinando o próprio comportamento e comprometendo-se a fazer sacrifícios significativos para o bem da terra que Deus nos concedeu.

A importância da sustentabilidade

Na nossa comum tradição cristã, as Escrituras e os santos oferecem perspectivas esclarecedoras para compreender tanto as realidades do presente como a promessa

de algo maior do que aquilo que vivemos no presente. O conceito de preservação — de responsabilidade individual e coletiva pelos dons que Deus nos confiou — constitui um ponto de partida essencial para a sustentabilidade social, econômica e ambiental. No Novo Testamento lemos sobre o homem rico e insensato que acumula uma grande abundância de trigo, esquecendo-se de que a sua vida é limitada (Lc 12, 13-21). Ouvimos falar sobre o filho pródigo, que recebe antes a sua herança só para a esbanjar e acabar por passar fome (Lc 15, 11-32). Somos alertados a não fazer opções a curto prazo, aparentemente pouco onerosas, a não construir na areia, mas na rocha, para que a nossa casa comum resista às tempestades (Mt 7, 24-27). Tais narrações convidam-nos a adotar uma visão mais ampla, reconhecendo o nosso lugar na longa história da humanidade.

Mas seguimos a direção oposta. Maximizamos os nossos próprios interesses em detrimento das gerações futuras. Concentrando-nos na nossa riqueza, descobrimos que os bens a longo prazo, entre os quais a abundância da natureza, são consumidos para obter vantagens a curto prazo. A tecnologia abriu novas possibilidades de progresso, mas também de acumulação de riqueza ilimitada, e muitos comportam-se de maneiras que demonstram escassa preocupação com as outras pessoas ou com os limites do planeta. A natureza é resiliente, e, contudo, delicada. Já assistimos às consequências da nossa rejeição em protegê-la e preservá-la (Gn 2, 15). Pois bem, neste momento temos a oportunidade de nos arrependermos, de caminharmos com determinação na direção oposta. Devemos perseguir a generosidade e a retidão no nosso modo





de viver, trabalhar e usar o dinheiro e não o lucro egoísta.

O impacto sobre as pessoas que convivem com a pobreza

A atual crise climática diz muito sobre quem somos e como vemos e tratamos a criação de Deus. Encontramo-nos diante de uma justiça severa: perda de biodiversidade, degradação ambiental e mudanças climáticas são as consequências inevitáveis das nossas ações, pois consumimos avidamente mais recursos da Terra do que o planeta pode suportar. Mas também estamos diante de uma profunda injustiça: as pessoas que sofrem as consequências mais catastróficas de tais abusos são as mais pobres do planeta e que tiveram menos responsabilidade em causá-las. Servimos um Deus de justiça, que se compraz na criação e cria cada pessoa à Sua imagem, mas que também ouve o grito das pessoas pobres. Portanto, em nós existe uma chamada inata a responder com angústia, quando vemos esta injustiça devastadora.

Hoje pagamos o preço disso. Os desastres atmosféricos e naturais extremos dos últimos meses revelam-nos mais uma vez com grande força e enorme custo humano que as mudanças climáticas não são apenas um desafio futuro, mas também uma questão de sobrevivência imediata e urgente. Inundações, incêndios e secas difundidas ameaçam continentes inteiros. O nível dos mares aumenta, forçando comunidades inteiras a transferir-se; furacões devastam regiões inteiras, arruinando vidas e meios de subsistência. A água tornou-se escassa e o abastecimento alimentar é incerto, causando conflitos e deslocamentos para milhões de pessoas. Já o vimos em lugares onde as pessoas dependem de propriedades agrícolas de pequena escala. Hoje vemo-lo nos países mais industrializados, onde até as infraestruturas sofisticadas não conseguem impedir completamente a destruição extraordinária.

Amanhã poderia ser pior. As crianças e os adolescentes de hoje enfrentarão consequências catastróficas, se não assumirmos agora a responsabilidade, como «colabora-

dores de Deus» (*Gn 2, 4-7*), de sustentar o nosso mundo. Frequentemente ouvimos falar de jovens que compreendem que o seu futuro está ameaçado. Para o bem deles, devemos optar por comer, viajar, gastar, investir e viver de modo diferente, pensando não apenas no interesse e nos lucros imediatos, mas também nos benefícios futuros. Arrependamo-nos dos pecados da nossa geração. Permaneçamos ao lado dos nossos irmãos e irmãs mais jovens no mundo inteiro, em devota oração e ação comprometida, por um futuro que corresponda cada vez mais às promessas de Deus.

O imperativo da cooperação

Durante a pandemia, compreendemos como somos vulneráveis! Os nossos sistemas sociais cederam e descobrimos que não podemos controlar tudo. Devemos reconhecer que o nosso modo de usar o dinheiro e organizar as nossas sociedades não beneficiaram todos. Somos fracos e ansiosos, submersos por uma série de crises: sanitária, ambiental, alimentar, económica e social, todas profundamente interligadas.

Estas crises colocam-nos diante de uma escolha. Estamos na singular posição de decidir se enfrentá-las com pouca clareza, e especulando, ou se aproveitá-las como uma oportunidade de conversão e transformação. Se pensarmos na humanidade como uma família e trabalharmos juntos por um futuro assente no bem comum, poderemos viver num mundo muito diferente. Juntos podemos partilhar uma visão da vida em que todos prosperam. Juntos podemos optar por agir com amor, justiça e misericórdia. Juntos podemos caminhar rumo a uma sociedade mais justa e gratificante, pondo no centro os mais vulneráveis.

Mas isto exige mudanças. Cada um de nós, individualmente, deve assumir a responsabilidade pelo modo de usar os nossos recursos. Este caminho requer uma

colaboração cada vez mais estreita entre todas as Igrejas no seu compromisso de cuidar da criação. Juntos, como comunidades, Igrejas, cidades e nações, devemos mudar de rumo e descobrir novas maneiras de colaborar para abater as barreiras tradicionais entre os povos, deixar de competir pelos recursos e começar a cooperar.

A quem tem maiores responsabilidades — na chefia de administrações, gerindo empresas, empregando pessoas ou investindo fundos — dizemos: escolhei lucros centrados nas pessoas; fazei sacrifícios a curto prazo para salvaguardar o futuro de todos nós; tornai-vos líderes na transição para economias justas e sustentáveis. «A quem muito foi dado, muito será exigido» (*Lc 12, 48*).

Esta é a primeira vez que nós os três nos sentimos obrigados a enfrentar juntos a urgência da sustentabilidade ambiental, o seu impacto sobre a pobreza persistente e a importância da cooperação mundial. Juntos, em nome das nossas comunidades, dirigimo-nos ao coração e à mente de cada cristão, de cada crente e de cada pessoa de boa vontade. Oremos pelos nossos líderes, que se reunirão em Glasgow para decidir o futuro do nosso planeta e dos seus habitantes. Mais uma vez recordemos a Escritura: «Escolhe, pois, a vida, para que vivas com a tua posteridade» (*Dt 30, 19*). Escolher a vida significa fazer sacrifícios e exercer o autocontrole.

Todos nós — quem quer que seja e onde quer que nos encontremos — podemos desempenhar um papel na modificação da nossa resposta coletiva à ameaça sem precedentes das mudanças climáticas e da degradação ambiental.

Cuidar da criação de Deus é um mandato espiritual, que exige uma resposta de compromisso. Este é um momento crítico! Dele dependem o futuro dos nossos filhos e da nossa casa comum.

1 de setembro de 2021



Com pressa, mas não apressadamente!

Rumo às Jornadas Mundiais da Juventude

Desde meados de 2020 que os jovens se têm vindo a preparar para aquele que será o maior encontro de jovens católicos alguma vez realizado em Portugal, neste caso, na cidade de Lisboa. São esperados mais de 1 milhão de todo o mundo, para juntos, com Maria, nossa Mãe, recebermos em festa o Santo Padre, Papa Francisco, e com ele celebramos esta ligação com a Mãe de todos nós.

Ao longo do tempo temos vindo a organizar-nos, através da constituição de equipas a nível paroquial, vicarial, diocesano e, até mesmo, nacional. Na nossa paróquia

foi constituindo um Comité Organizador Paroquial (COP), isto é, uma equipa que será responsável por dinamizar as Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ) na nossa comunidade, bem como de preparar tudo o que for necessário para a receção dos peregrinos que iremos albergar. Neste momento a equipa conta com elementos de diversos grupos que existem na paróquia, desde membros do Agrupamento de Escuteiros, do Grupo de Jovens Kyrie e do Projeto Partilhar.com.

A citação bíblica **“Maria levantou-se e partiu apressadamente”** será o tema des-

ta JMJ, proposta pelo Papa Francisco. Esta frase dá, assim, início ao relato da Visitação (a visita de Maria a sua prima Isabel), após o episódio bíblico da Anunciação (o anúncio do anjo a Maria de que iria ser a mãe do Filho de Deus), tendo sido o tema da última JMJ, na cidade do Panamá, em 2019. Desta forma, tal como Maria, o Santo Papa propõe a que nós, jovens, estejamos também dispostos a partir apressadamente, sendo “exemplo de evangelização ativa e missionária, reconhecendo a presença de Cristo vivo”, não nos acomodando e que sejamos protagonistas da construção de um mundo mais justo e fraterno.

Com base neste tema surgem associados um Logótipo e um Hino a cada JMJ. O logótipo da JMJ Lisboa 2023 tem como elemento central a Cruz, atravessada por um caminho onde surge o Espírito Santo.

A estes elementos juntam-se também o Terço, símbolo da espiritualidade do povo

português na devoção a Nossa Senhora de Fátima e Maria, que com a sua juvenildade e atitude decidia, carrega em si a luz do mundo. Já o Hino intitulado “Há pressa no Ar” desenvolve-se com base no “Sim” de Maria e da sua pressa de ir ao encontro da prima Isabel.

Desta forma, ao cantarmos juntos este hino, recordamos a festa e o momento de celebração que é a JMJ e a alegria centrada na relação com Deus.

Mais recentemente foram divulgadas as datas deste encontro. As próximas JMJ, em Lisboa 2023, decorrerão de 1 a 6 de agosto.

Ao longo destes 22 meses que faltam, partilhemos juntos esta alegria que é celebrarmos o Evangelho juntos, com Maria, e façamos como ela, indo com pressa, mas não apressadamente, para que todos possamos participar e juntos sermos Igreja.

Madalena Henriques

Hino da JMJ Lisboa 2023

“Há Pressa no Ar”

De todo o mundo para este lugar,
Partimos, voámos, chegámos aqui.
Com Maria, ensaiamos um sim.
Queremos servir, fazer a vontade
Do Pai, nosso Pai.

Chamados a ser com Cristo Jesus,
Queremos dar, queremos estar,
Dispostos ao sim, fazer como a Mãe.

Refrão:

**Todos vão ouvir a nossa voz,
Levantemos braços, há pressa no ar.
Jesus vive e não nos deixa sós:
Não mais deixaremos de amar.**

Tu que andas à procura de ti
Parte à descoberta, vem ver o que eu vi.
Vem connosco, vem olhar para além
Daquilo que fazes e que não te deixa
Sorrir e amar.

Não olhes para trás, não digas que não.
Ouve o teu coração,
E parte, sem medo, nesta missão.

Refrão

Foi Maria quem primeiro acolheu
A grande surpresa da vida sem fim.
Confiante e simples, quis receber
Tão grande mistério de um Deus que é
p’ra sempre / Por ti e por mim.

Não posso calar, não posso deixar
De dizer: “Meu Senhor,
Conta comigo, não mais calarei!”.

Refrão

Sem ter dúvidas da sua missão,
Maria, tão jovem, depressa deixou
Sua casa e p’la montanha subiu,
P’ra ver Isabel e logo encontrou
Saudação, comunhão.

O fruto é bendito, é o meu Senhor!
E eu também quero ouvir:

“Porque acreditaste, para sempre és feliz!”.

Refrão:

**Todos vão ouvir a nossa voz,
Levantemos braços, há pressa no ar.
Jesus vive e não nos deixa sós:
Não mais deixaremos de amar.**



Ensina-me, São José

Ensina-me, São José,
como viver sem ser protagonista,
como trabalhar sem me exhibir,
como progredir sem pisar,
como colaborar sem manipular,
como amar sem reclamar.

Ensina-me como viver sendo o número dois,
como se fazem coisas belas a partir do segundo lugar.
Ajuda-me a compreender como a grande maioria de nós
é chamada a ocupar este lugar: o segundo lugar,
onde está a nossa verdadeira e oculta grandeza.

Mostra-me como viver com elegância
não sendo "importante".

Faz-me ver que se pode e deve ser útil,
fiel, eficaz, até mesmo heroico, sem estar na ribalta.

Mostra-me como ser grande sem exibicionismos,
como lutar sem aplausos,
como progredir sem publicidade,
como perseverar e morrer

sem esperar alguma estátua ou homenagem.

Mostra-me como ser útil, positivo, generoso,
sem necessidade de ser "importante",
e, mais difícil ainda,

como me entregar totalmente, sem ser protagonista,
e, mesmo assim, sentir uma paz interior,
uma profunda felicidade e alegria.

Ensina-me tudo isto, São José!